

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola

Ano 36

Tomo 1

1989

CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS: PRINCIPAIS LAVOURAS⁽¹⁾

Everton Ramos de Lins⁽²⁾

RESUMO

O trabalho analisa a evolução das exportações segundo o grau de processamento dos produtos, a importância dessas transações na destinação do produto das principais lavouras e como contribuição na pauta das exportações em geral, bem como as diferenças entre os preços internos e internacionais de exportação como indicador da viabilidade dos negócios, a partir do começo dos anos 70. O valor da exportação agregada para o conjunto das lavouras aumentou a uma taxa média anual da ordem de 11% em termos de cruzeiros de valor constante contra 14% das exportações em geral, descendo a participação daquelas de um equivalente a 52% para 34% do valor total. Tanto para as exportações agrícolas como para as não agrícolas, sugere-se que as vendas para o exterior cresceram bem à frente do produto interno, destinando-se o resultado do esforço produtivo cada vez mais ao mercado externo e menos ao interno. Para diversos itens agrícolas, tornou-se aparente que as exportações contaram com incentivos especiais do Governo, face às diferenças entre os preços internos e internacionais. Destaca-se, também, que as exportações agrícolas, a despeito de se concentrarem em reduzido número de subsectores têm contribuído, sem dúvida, para ampliar o mercado de trabalho, tanto pela tendência à substituição dos itens *in natura* pelos processados como pela expansão geral registrada.

CONSIDERATIONS ON THE AGRICULTURAL EXPORTS AND ITS ROLE IN THE ECONOMIC DEVELOPMENT - THE BRAZILIAN CASE

SUMMARY

This paper intends at shed some light at the subject, by analyzing the export evolution related to the main crops in the country during the last 15 years, with attention to processed and non processed itens, the share of particular concerns in the agricultural and overall exports, the subsidy policies, and differences between internal and international export prices. Aggregate international sales for the particular crops accounts for almost the totality of vegetable exports, excluding forestry products. They expanded at an about 11% a year average rate, against 14% a year for the general exports, decreasing its share from 52% to 34% in total value. In general, external sales grew far ahead the crops internal products, decreasing relative participation of national consumption in total production. For most itens occurrence of subsidiation became apparent in the light of differences between internal and international prices. Being subsidiation part of an strategy for economic development including higher domestic availability of basic and general goods, the results suggest important questions related to such availability in the short, medium or long run. Results point out also that agricultural exports, in spite of being concentrated to a few sub-sectors, have strengthened the demand for labor in face of an wider share of the processed goods and the general expansion.

1 - INTRODUÇÃO

A fim de se obter as divisas necessárias para financiar o seu crescimento econômico, o

Brasil tem procurado ampliar suas exportações, tendo em vista a situação do balanço de pagamentos. A partir do começo dos anos 70, a necessidade de exportar tornou-se considerável.

⁽¹⁾ Recebido em 09/03/88. Liberado para publicação em 14/06/89.

⁽²⁾ Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

mente maior como consequência da conta de importação de petróleo. Independentemente da necessidade de financiar o crescimento, o intercâmbio pode ser importante, também, para elevar o nível de bem-estar social, com base no princípio das vantagens comparativas a que se referia RICARDO (9).

A política governamental de exportação, no geral, tem consistido de sucessivas desvalorizações da moeda nacional e outras sortes de incentivos – diferenciados segundo os produtos ou grupos de produtos, enquanto com o modelo de desenvolvimento vigente e a existência de uma enorme dívida externa (4), o crescimento tende a depender de expressivos superávits na balança mercantil. Esses tornam-se indispensáveis sobretudo para pagar pelo serviço da dívida, a par da necessidade de importar itens essenciais para muitas das atividades econômicas, sendo difícil prever quando a tendência poderá reverter-se. Porém, em que pese o consenso quanto à necessidade de saldos na balança comercial, não se exclui a possibilidade da política superavitária conduzir a distorções relacionadas com alocação dos recursos, geração de empregos ou distribuição da renda, com resultados líquidos desfavoráveis para o crescimento.

Devido às diferentes condições técnicas, econômicas ou políticas para a produção e a comercialização, defrontadas pelos diversos setores ou subsetores, é de se esperar a ocorrência de alterações na composição do produto interno e na pauta das exportações, conforme sugerem, por exemplo, os movimentos de expansão para certas explorações como cana-de-açúcar, soja, laranja e café, em detrimento de outras, após o final dos anos 60, verificados por GATTI (6). São também bastante conhecidas as transformações estruturais pelas quais, via de regra, passam as economias no processo de desenvolvimento, reduzindo-se a participação relativa do setor primário (7), mas é evidente que transformações não implicam necessariamente em desenvolvimento.

O crescimento da agricultura depende em boa parte da demanda efetiva por seus produtos – compreendendo a demanda interna e a externa – uma vez que cada produtor precisa realizar financeiramente (a sua produção) sob a forma de receita. Por isso, a produção dos

itens de exportação, eventualmente, pode crescer mais rapidamente que a dos destinados ao mercado interno, como sugerem mesmo os chamados ciclos do pau-brasil, da cana-de-açúcar, do ouro, do borracha ou do café, relacionados com a grande demanda externa por tais produtos e a dotação ou aptidão do território, em determinadas fases da história.

1.1 - Objetivos

O presente trabalho é uma tentativa de construir um quadro da importância recente da exportação como forma de destinação de alguns dos principais produtos da agricultura, contemplando ao mesmo tempo a evolução da produção, dos preços internacionais e das exportações, a partir de 1970. Além disso, procura-se examinar as diferenças entre os preços internos e internacionais de exportação, com vistas a uma indicação da diversidade de incentivos à exportação com que se defrontariam os vários itens se prevalecessem as condições impostas pelo setor externo, na ausência de incentivos diferenciados por parte do Governo brasileiro. Basicamente, pretende-se fazer um balanço da situação, como contribuição ao conhecimento relacionado com as políticas de desenvolvimento ou a discussão sobre o assunto.

Especificamente o trabalho tem os seguintes objetivos:

- a) Verificar a importância de determinadas culturas na pauta das exportações, e comparar a evolução das exportações com a produção;
- b) Focalizar as exportações face às diferenças entre os preços internos e internacionais; e
- c) Caracterizar cada cultura quanto ao grau de processamento dos principais itens exportados e obtidos a partir da mesma.

2 - METODOLOGIA

2.1 - Culturas Focalizadas

Dada a natureza do estudo e para reduzir o tempo para a obtenção dos resultados, a abordagem restringiu-se a um grupo de produtos. Em particular, considerando as oito categorias de culturas que constam na classificação utilizada pelo IBGE (1) nos levantamentos sobre

agricultura, foram selecionadas as três culturas de maior valor, em cada categoria, em 1984 (2). São as seguintes as categorias consideradas pelo IBGE: (1) plantas industriais (permanentes); (2) frutas (permanentes); (3) outras (permanentes); (4) cereais; (5) leguminosas alimentícias; (6) tubérculos e raízes; (7) plantas industriais; e (8) outras (temporárias). Evidentemente, os resultados da pesquisa têm validade apenas para o grupo focalizado.

2.2 - Especificações Quanto a Preços e Mercados

Após a seleção das culturas procurou-se verificar para cada uma a ocorrência de exportações dos respectivos produtos *in natura* ou derivados do processamento. No caso de derivados, evitou-se a inclusão de itens representados por misturas de ingredientes oriundos de diferentes matérias-primas, reconhecendo ser praticamente impossível detectar a totalidade das exportações relacionadas com dada cultura ou matéria-prima, pela falta de registros quanto à composição ou à quantificação de seus ingredientes no comércio. Esse fato praticamente inviabiliza, também, uma determinação exata da relação entre quantidades exportadas e destinadas ao mercado interno para dada espécie, contudo, admite-se que as culturas cujas exportações tendem a afetar sensivelmente o mercado interno, ficaram razoavelmente identificados, com base nos resultados obtidos.

No mercado interno, o preço de cada produto foi representado pela cotação média, no mercado atacadista das capitais dos estados litorâneos da Região Centro-Sul (8) publicada pelo Ministério da Agricultura, salvo para café, cacau e algodão que foram representados pela cotação média para o Brasil. Em vista da maior expressividade dessa região na produção agrícola e no comércio exterior em geral e, devido a dificuldades para levantar as despesas envolvidas ou que seriam envolvidas na comercialização para exportação a partir das fontes produtoras, essas referências foram consideradas aceitáveis para comparação com os preços médios FOB nos portos brasileiros - o estágio de referência adotado para o mercado internacional. Os preços médios FOB foram, representados pelos correspondentes valores médios

por tonelada, das exportações brasileiras (5).

2.3 - Relações entre Crescimentos

As relações entre evoluções da produção, exportação e dos preços foram examinadas através das médias geométricas de variação anual entre o início e o final dos períodos considerados. Em seguida, face às taxas de crescimento, procurou-se averiguar a possibilidade de relacionar o crescimento da produção com o da exportação e dos preços internos e internacionais, segundo os produtos.

2.4 - Classificação dos Produtos

A exportabilidade dos produtos e subprodutos foi verificada sob dois aspectos.

em primeiro lugar, foram relacionadas todas as mercadorias oriundas de cada cultura que constaram da pauta das exportações brasileiras em 1982. Ao mesmo tempo, as culturas foram ordenadas segundo as participações no valor total e focalizadas as diferentes formas ou graus de processamento dos produtos.

O segundo aspecto diz respeito à diferença entre os preços internos e internacionais. A necessidade dessa outra verificação, além do teste da exportação efetiva, decorre da possibilidade de a exportação contar na prática com incentivos do Governo especialmente concedidos, mesclando-se com a diferença entre os preços internos e internacionais na determinação da lucratividade da operação. Pretendeu-se, portanto, uma indicação da viabilidade para exportar independentemente de incentivos que eventualmente tenham favorecido certas mercadorias, dado que as cotações FOB estão isentas dos incentivos internamente concedidas à exportação. A administração das cotações internas pelo Governo também pode afetar a aparência de exportabilidade; em especial a política de preços baixos para o consumidor geralmente praticada tenderia a refletir-se em relações favoráveis à exportação. Mesmo sem um levantamento sistemático a esse respeito, sabe-se que a intervenção era quase permanente para os principais produtos durante o período analisado.

A comparação foi efetuada com referência aos preços médios dos produtos nos anos em

que constaram registros simultâneos nos mercados interno e internacional, no período 1970-84. A tabulação foi efetuada com atenção para a necessidade de os preços serem para mercadorias de qualidades ou tipos semelhantes nos dois mercados. Para banana, em que a diferença entre os preços médios era relativamente menor, a significância estatística foi verificada mediante o teste "t" de Student, considerando as cotações como eventos ao acaso (10). A classificação dos produtos efetuou-se segundo a fórmula $D = P_a - P_i$ (sendo D o indicador de exportabilidade, P_a o preço médio no atacado do mercado interno e P_i o preço internacional). Foram considerados exportáveis os produtos para os quais verificou-se um $D \leq 0$ e os demais foram considerados não exportáveis.

2.5 - Períodos e "Correções" das Estatísticas

Basicamente, procurou-se focalizar a evolução dos indicadores anuais do valor da produção, da exportação e dos preços dos produtos ou subprodutos originários das culturas, a partir de 1970. Não visando uma evolução pormenorizada, planejou-se considerar apenas as mudanças entre o início e o final do período, salvo para a comparação entre os preços internos e internacionais, em que a verificação da significância das diferenças médias seria para observações relativas a todo o período. As estatísticas quanto à evolução de valor da produção e exportação e de preços foram referidas em cruzeiro de 1982/84, corrigidos pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna, da Fundação Getúlio Vargas. Entretanto, para efeito de comparação entre os preços internos e internacionais, os mesmos foram tomados em valores correntes, dado que a significância da diferença entre médias independe de os preços serem corrigidos ou não dos efeitos da inflação.

Algumas adaptações do esquema inicialmente planejado foram necessárias, em função da disponibilidade de dados. As estatísticas de produção foram consideradas para os triênios 1967-69 e 1982-84, dada a falta de registros para 1970-72; e as estatísticas de exportação, por sua vez, foram consideradas para 1970-72 e 1982-84, pela dificuldade de conseguí-las para um período exatamente igual ao considerado para a produção.

3 - RESULTADOS E CONCLUSÕES

A apresentação que se segue restringe-se aos resultados e conclusões considerados mais relevantes ou necessários para a compreensão do trabalho. Foi necessário omitir uma parte dos dados tabulados face ao volume relativamente grande dos mesmos.

3.1 - Culturas Seleccionadas e Produtos Exportados

As culturas seleccionadas para a pesquisa acham-se designadas pelos produtos primários cujos valores serviram de base para a seleção e ordenadas segundo os valores da produção em 1984. A maior parte do valor total concentra-se em número reduzido de espécies (quadro 1). Por exemplo, tem-se que as cinco culturas de maior expressão respondiam por 62% do valor total.

A contribuição do subgrupo de lavouras nas exportações brasileiras em 1982-84 representou média anual de Cr\$7,38 trilhões (US\$7,91 bilhões) F.O.B., compreendendo produtos sob diversos graus de processamento (quadro 2). Na tabulação geralmente são misturas excluídas, envolvendo ingredientes estranhos à cultura especificamente considerada, mas algumas exceções foram feitas para melhor retratar a importância das exportações na destinação dos produtos. Uma discriminação dos itens que foram incluídos para cada cultura é apresentada no Anexo 1.

De 1970-72 a 1982-84, o valor da exportação total relativa aos itens seleccionados acusou crescimento equivalente à média geométrica anual de 10,78%, inferior à expansão do conjunto das demais mercadorias (quadro 2). As exportações em geral registraram expansão de 14,16% a.a., no mesmo período e com isso a participação do subgrupo que no início do período equivalia a 51,94% das exportações brasileiras, reduziu-se para 34,36%.

A exemplo do observado para o valor da produção agrícola, a maior parte das exportações correspondia a reduzido número de culturas. Em 1982-84, só o café respondia por um terço do total relativo ao subconjunto; soja e café por 60% do total e as nove principais espécies por 98%. Às outras 16 couberam apenas os

QUADRO 1. - Valor Corrente da Produção de 24 Culturas Seleccionadas, Brasil, 1984

(em Cr\$ milhão)

Cultura	Valor da produção
Soja	5.403.853
Cana-de-açúcar	4.442.905
Milho	3.515.295
Café	3.217.239
Arroz	2.473.586
Feijão	1.894.156
Mandioca	1.873.149
Laranja	1.601.570
Algodão herbáceo	1.472.794
Cacau	1.019.811
Trigo	915.913
Banana	645.153
Batata inglesa	496.798
Tomate	425.352
Fumo	389.090
Caju	205.327
Uva	184.080
Cebola	166.493
Abacaxi	157.277
Coco-da-baía	144.223
Pimenta do reino	141.316
Batata-doce	124.390
Fava	27.160
Noz européia e americana	7.512
Total geral	30.944.442

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2).

Agricultura em São Paulo, SP, 36(1):149-163, 1989

QUADRO 2. - Valor das Exportações de 24 Culturas Seleccionadas, Brasil, Médias dos Períodos, 1970-72 e 1982-84

Cultura	1970-72		1982-84		Variação anual média (%)
	Cr\$1.000 ⁽¹⁾	%	Cr\$1.000 ⁽¹⁾	%	
Café	1.145.418.480	58,03	2.270.989.058	30,76	5,87
Soja	220.892.126	10,23	1.917.298.995	25,97	19,74
Laranja	48.429.841	2,24	1.074.862.158	14,56	29,48
Cana-de-açúcar	176.277.378	8,16	619.313.742	8,51	11,94
Cacau	130.124.593	6,02	489.546.830	6,63	11,67
Algodão	269.800.370	12,12	436.691.542	5,92	4,35
Fumo	54.318.227	2,51	354.125.866	4,80	16,91
Caju	7.920.229	0,37	56.705.558	0,77	17,83
Pimenta-do-reino	10.114.879	0,47	55.861.356	0,76	15,30
Milho	68.534.864	3,17	54.774.499	0,74	1,85
Abacaxi	1.960.708	0,09	17.652.352	0,24	20,10
Banana	13.487.758	0,62	13.410.599	0,18	0,04
Tomate	1.448.990	0,07	8.867.226	0,12	16,29
Arroz	10.578.005	0,49	3.048.759	0,04	9,85
Trigo	3.868.566	0,18	2.944.534	0,04	2,25
Uva	189.609	0,01	2.512.055	0,02	24,26
Coco	272.265	0,01	1.348.158	0,02	14,26
Mandioca	3.135.931	0,15	1.100.133	0,01	8,36
Feijão	600.135	0,03	626.325	0,01	0,36
Batata-doce	1.252	0,00	24.807	0,00	28,26
Batata inglesa	717.607	0,03	4.443	0,00	34,54
Cebola	39.825	0,00	3.072	0,00	19,23
Noz	-	-	370	0,00	-
Fava	-	-	17	0,00	-
Total	2.159.931.638	100,00	7.381.812.454	100,00	10,78

(¹) Valor em cruzeiro de 1982-84. Foi utilizado como deflator o Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Elaborado a partir de dados da CACEX (2).

Agricultura em São Paulo, SP, 36(1):149-163, 1989

2% restantes, se bem que se registraram exportações para todas as espécies inicialmente relacionadas.

3.2 - Produção versus Exportação e Grau de Elaboração dos Produtos

A confrontação do valor das exportações com o da produção agrícola em 1982-84, para as nove principais culturas, revela valor exportado sempre bastante elevado, freqüentemente superando o da produção. A inclusão dessas culturas levou em conta a expressividade ao valor exportado e, também, a relação entre os valores exportado e da produção, o que justifica a presença de produtos, como o caju ou a pimenta do reino, de reduzida expressão no mercado exter-

no em comparação com a soja ou o café, por exemplo, mas cujo valor exportado equivalia a mais de 70% do valor da produção (quadro 3).

Para o total das nove culturas, as exportações atingiram a marca de 7,2 trilhões de cruzeiros F.O.B., contra 8,2 trilhões da produção agrícola, ou seja, o equivalente a quase 90% desse valor. Sabe-se que a diferença entre os valores produzido e exportado para cada produto, reflete as quantidades dos produtos e subprodutos destinados ao mercado externo mas, também, os serviços incorporados às mercadorias na comercialização. Mesmo assim, e não obstante a natureza e o valor de tais serviços variarem de uma espécie para outra, as relações não deixam dúvida quanto à importância do mercado externo para a comercialização.

QUADRO 3. - Relações entre Valor da Produção Agrícola e Valor das Exportações para Nove Culturas Especificadas, Brasil, 1982-84

(em Cr\$1.000)

Produto	Valor da produção (1)	Valor da exportação (2)	Relação (2)/(1) (%)
Café	1.511.502.000	2.270.989.058	150,25
Soja	2.415.678.000	1.917.298.995	74,04
Laranja	681.838.000	1.074.862.158	157,64
Cacau	460.120.000	489.546.830	106,40
Cana-de-açúcar	2.139.274.000	619.313.742	28,95
Fumo	194.876.000	354.125.866	181,72
Algodão ⁽¹⁾	624.483.000	436.691.542	69,93
Caju	78.635.000	56.705.558	72,11
Pimenta do reino	60.824.000	55.861.355	91,84
Total	8.177.230.000	7.275.395.105	88,97

⁽¹⁾ Não inclui algodão arbóreo.

Fonte: Elaborado com dados do IBGE (2) e da CACEX (5).

Agricultura em São Paulo, SP, 36(1):149-163, 1989.

O grau de elaboração foi verificado, também, para as referidas nove culturas. Convencionou-se designar "produto primário", todo item exportado na forma correspondente àquela em que o mesmo ordinariamente é transacionado pelo agricultor e "derivado industrial", os derivados do processamento dos primários. No caso do algodão, foram denominados primários os itens designados pela CACEX como Algodão Não Cardado Nem Penteado (Em Rama), Linter Cru, Linter-Outros e Desperdícios; para caju, o produto primário foi representado apenas por Castanha em Casca; enquanto para pimenta-do-reino, considerou-se como produto primário, Pimenta em Grão sob as diferentes formas e, como derivado industrial, Pimenta Moída.

Comparando os dados de 1970-72 com os de 1982-84, notam-se expressivas transformações (quadro 4). Em primeiro lugar, que a participação dos primários (excluindo fumo e pimenta-do-reino, dos quais não foi possível obter registros para 1970-72) no total exportado reduziu-se de 70,03%, em 1970-72 para 41,48%, em 1982-84. Além disso, embora a importância percentual tenha diminuído, houve expansão dos primários para quase todas as espécies; a redução de sua participação relativa deve-se portanto, ao maior aumento registrado pelos derivados industriais. O algodão surge como única cultura cujo valor real dos primários reduziu-se entre os triênios. Para o café, a redução relativa do produto cru também, foi inexpressiva, sugerindo menor mudança da preferência nos países importadores.

Focalizando os crescimentos da exportação e da produção, em valores, vê-se que no conjunto, a exportação cresceu mais rapidamente, sendo que as taxas médias de variação anual foram respectivamente, de 10,78% e 7,44% (quadro 5). Os períodos considerados para as duas variáveis não são exatamente os mesmos, como foi mencionado, mas devido a comparação ser em termos das taxas médias, sugere-se que a exportação efetivamente cresceu mais rapidamente.

Para os produtos específicos, no geral, o crescimento da produção relaciona-se diretamente com o da exportação, comprovando a tese geral de que as exportações incentivam o crescimento agrícola. O fato de não haver igualdade entre as duas taxas, evidentemente,

pode ser atribuído às diferentes relações entre quantidade destinada ao mercado interno, verificadas no período base para os produtos. Aliás, para aquelas em que as exportações eram pequenas em comparação com a produção, aparentemente não havia qualquer relação entre os crescimentos, o incentivo à expansão tendendo a ficar apenas por conta do mercado interno, no que concerne à demanda efetiva pelos produtos.

O maior crescimento da exportação em relação à produção implica tendência à diminuição do percentual da produção destinada ao mercado interno, mas isto não significa necessariamente redução da disponibilidade interna, conquanto certos casos como do fumo, laranja, caju, tomate ou coco possam reclamar investigação especial nesse aspecto, em vista da ampla diferença verificada entre as taxas de crescimento. O presente estudo não abordou esta questão.

3.3 - Variações nos Valores da Produção, Exportação e Preços

Para comparar o crescimento da produção agrícola com os preços internos e internacionais, tomou-se como referência o preço médio por tonelada exportada do item de cada cultura que registrou maior valor exportado em 1982-84, preço médio ao nível do agricultor relativo à mesma cultura e valor real da produção (quadro 5). O cotejo das taxas médias de variação desses indicadores não revela qualquer correlação entre as mesmas salvo se, para café e soja – as duas principais culturas de exportação – as taxas de variação dos respectivos preços internos e de exportação estiveram bastante próximas. O ritmo de mudança na produção não parece relacionar-se com o dos preços recebidos pelos agricultores ou dos preços de exportação, sendo provável que, no geral, fatores mais importantes que esses – não identificados – também condicionaram o crescimento da produção. Entre eles podem estar, por exemplo, as políticas do governo relacionadas com a produção, o abastecimento ou comercialização para o mercado interno ou exportação ou uma crescente demanda externa pelo produto.

De outra parte, cotejando a evolução do preço médio dos produtos ao nível do agricultor

QUADRO 4. - Exportações Relativas e Nove Produtos Especializados, Segundo o Grau de Processamento, Brasil, Médias de 1970-72 e 1982-84

(em Cr\$1.000)⁽¹⁾

Cultura	1970-72			
	Produto primário	Derivado Industrial	Total	Produto primário/total (%)
Café	1.048.221.660	97.196.820	1.145.418.480	91,51
Soja	84.155.155	136.536.971	220.692.126	38,13
Laranja	5.483.307	42.946.534	48.429.841	11,32
Cana-de-açúcar	0	176.277.378	176.277.378	0
Cacau	84.589.727	45.534.866	130.124.593	65,01
Algodão	216.640.213	45.160.157	261.800.370	82,75
Fumo	54.318.227	...
Caju	250	7.919.979	7.920.229	0,00
Pimenta-do-reino	10.114.879	...
Total	1.439.090.312	551.572.705	2.055.096.123	70,03

Cultura	1982-84			
	Produto primário	Derivado industrial	Total	Produto primário/total (%)
Café	2.023.937.554	247.051.504	2.270.989.058	89,12
Soja	287.951.464	1.629.347.531	1.917.298.995	15,02
Laranja	8.662.065	1.066.200.093	1.074.862.158	0,81
Cana-de-açúcar	0	619.313.742	619.313.742	0,00
Cacau	202.551.655	286.995.175	489.546.830	41,38
Algodão	96.630.221	340.061.321	436.691.542	22,13
Fumo	340.700.188	13.425.678	354.125.866	96,21
Caju	3.877	56.709.445	56.705.558	6,84
Pimenta-do-reino	55.856.880	4.471	55.861.356	99,99
Total	3.016.293.904	4.259.108.960	7.275.395.105	41,48

(¹) Cruzeiro de 1982-84. Foi utilizado como deflator o Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Fonte: Elaborado a partir de dados da CACEX (5).

QUADRO 5. - Taxas Médias Anuais de Variação do Valor Real da Produção Agrícola e das Exportações e dos Preços Médios Recebidos pelos Agricultores e de Exportação Vinte e Quatro Produtos Especificados, Brasil, 1970-72 a 1982-84

(em %)

Cultura e produção (1)	Valor da produção	Valor da exportação	Preço recebido pelo agricultor	Preço de exportação
Café (café em grão, cru)	5,76	5,87	5,40	5,83
Soja (farelo)	25,76	19,74	1,72	1,53
Laranja (suco concentrado)	12,67	29,48	1,98	5,86
Cana-de-açúcar(açúcar demerara)	10,63	11,04	3,56	0,08
Cacau (amêndoas, cru)	9,28	11,67	4,66	6,93
Algodão (em rama)	3,17	4,36	4,06	3,03
Fumo (folhas destaladas)	5,20	16,91	1,82	...
Caju (castanhas descascadas)	8,91	17,83	4,53	6,56
Pimenta-do-reino (preta)	13,88	15,30	5,00	...
Milho (em grão)	6,52	1,87	3,19	1,97
Abacaxi (suco)	7,55	20,10	1,78	4,69
Banana (frutos)	2,87	0,04	2,48	3,29
Tomate (suco)	5,61	16,29	3,40	6,23
Arroz (grão, sem casca)	3,47	9,85	1,49	4,22
Trigo (mourisco, tipo soba)	6,67		1,47	3,40
Uva (suco)	4,95	24,43	3,52	- 0,03
Coco (leite)	1,79	14,26	4,13	8,81
Mandioca (fécula)	5,29	8,36	7,06	3,28
Feijão (preto)	5,47	0,36	5,52	0,35
Batata-doce (raízes)	0,60	28,26	8,18	3,14
Batata-inglesa (em flocos ou escamas)	5,56	34,54	3,50	-
Cebola ou cebolinha (fresca ou resfriada)	6,14	19,23	0,54	7,83
Noz (com casca)	12,76	-	6,46	-
Fava (farinha)	0,20	-	6,36	-
Total	7,44	10,78	-	-

(1) O produto comercial acha-se indicado entre parênteses e corresponde ao derivado que registrou maior valor exportado em 1982-84.

(2) A taxa de variação da produção é relativa ao período 1967-69 a 1982.

Fonte: Elaborado com dados da IRGE (2) e da CACEX (5).

com a dos respectivos valores da produção, bem como a evolução do preço médio de exportação por tonelada com valor total exportado, via de regra tem-se defasagem para a evolução do preço médio. Em geral, houve aumento nos preços médios entre os dois triênios, o incremento, no entanto, sendo menos que proporcional em relação à expansão das quantidades produzidas e exportadas.

3 - Preços Internos versus preços Internacionais

Nos produtos de que foi possível obter registros de cotações nos mercados interno e internacional, em número de treze, somente para três deles – café beneficiado, cacau em amêndoas-cru e laranja-frutos – o preço médio FOB Brasil do período de quinze anos, foi significativamente maior que o preço médio no mercado interno (quadro 6). Isto sugere que, para a maioria, as exportações contaram com incentivos especiais do Governo e que dificilmente teriam se realizado na ausência desses. Alerta-se para os casos do óleo de soja refinado, do qual as cotações no mercado interno são para o produto em latas de 900ml – diferentemente do produto exportado que é transportado normalmente a granel – e da soja em grão, da qual as cotações no mercado interno são principalmente para o produto destinado a uso alimentar – diferentemente do produto exportado que normalmente é para fins industriais.

Para banana, que a diferença preço interno-preço internacional parecia menor em relação aos outros produtos, a significância estatística da diferença foi testada mediante o método para comparação de grupos recomendado por TOMPKIN (10), tendo-se concluído que havia menos de uma chance em 100 de encontrar uma diferença da magnitude encontrada (763 cruzeiros por tonelada), se a diferença entre os preços nos dois mercados não diferisse estatisticamente de zero, considerando as flutuações de preços como eventos ao acaso.

3.5 - Considerações Finais

Como questão central levantada no início do trabalho, destaca-se a que se refere aos possíveis efeitos da política superavitária sobre o desenvolvimento econômico. Constatou-se que entre 1970-72 e 1982-84 a exportação brasileira para o agregado de 24 culturas acusou expansão à taxa média de 11% a.a., em termos reais. Esse índice ficou aquém do verificado para a exportação em geral, correspondente a 14% a.a., fazendo com que as exportações relativas às culturas caíssem do equivalente a 52% das exportações em geral para 34%. Tanto em um como em outro caso, sugere-se que as vendas para o exterior cresceram bem à frente do produto nacional ou do produto interno, portanto, destinando-se o resultado do esforço produtivo cada vez mais ao mercado externo e menos ao interno.

Na medida em que as exportações tenham sido viabilizadas por incentivos em relação à produção e à comercialização para o mercado interno, como parte da estratégia de desenvolvimento econômico, caberia indagar quanto aos efeitos de curto, médio ou longo prazos sobre o provimento de itens básicos e mercadorias em geral à população, tendo o desenvolvimento o propósito de aumentar esse provimento.

Para diversos itens agrícolas, aparentemente, as vendas para o exterior tornaram-se possíveis em função de incentivos especiais, face à diferença entre os preços internos e internacionais de exportação. Mesmo com a limitação das evidências, deve-se advertir contra a possibilidade de resultados indesejáveis associados com tais subsídios ou mesmo com os de ordem mais geral – decorrentes de pressões inflacionárias ou má alocação dos recursos – comparativamente maiores que os benefícios visados.

Destaca-se, no entanto, que as exportações agrícolas, a despeito de se concentrarem com reduzido número de subsectores – por isso envolvendo também poucas regiões agrícolas do País – têm contribuído, sem dúvida, para ampliar o mercado de trabalho, especialmente pela tendência à substituição dos produtos *in natura* pelos processados, além da própria expansão geral registrada.

QUADRO 6. - Preços Médios nos Mercados Interno e Internacional, Produtos Especificados, Brasil, 1970-84

(em Cr\$/t)

Produto	Mercado Interno ⁽¹⁾ (1)	Mercado Internacional ⁽²⁾ (2)	Diferença (1-2)	Número de observações
Cafê beneficiado	217.658	444.020	- 226.362	15
Soja, grão	70.879	54.712	16.167	12
Soja, óleo refinado	198.530	134.918	63.612	14
Laranja, frutos	29.362	39.955	- 10.593	14
Cacau, amêndoas, cru	309.444	378.120	- 168.676	15
Algodão, em rama	361.378	241.080	120.298	14
Milho, grão	29.281	22.465	6.816	14
Abacaxi, frutos	51.756	21.773	29.983	14
Banana, frutos	27.737	26.974	763	15
Tomate, frutos	50.995	20.747	30.248	11
Arroz beneficiado	84.892	43.243	41.649	14
Coco, frutos secos	91.763	85.787	5.976	14
Mandioca, farinha	52.706	46.949	5.757	15

⁽¹⁾ Preços médios do mercado atacadista nas capitais dos Estados litorâneos da Região Centro-Sul.

⁽²⁾ Valor médio FOB.

Fonte: Para o mercado interno, Ministério da Agricultura (8) e IBGE (3); para o mercado internacional, CACEX (5).

LITERATURA CITADA

1. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1970.
2. _____. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1985.
3. _____. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, vários anos.
4. CARVALHO, Maria A. de & SILVA, Cesar R.L. da. *Dívida externa brasileira*. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1987. 23p. (Relatório de Pesquisa, 24/87)
5. COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: Exportação - mercadorias por países. Rio de Janeiro, Banco do Brasil/CACEX, vários anos.
6. GATTI, Elcio U. A política agrícola e a composição da produção e utilização de mão-de-obra na agricultura paulista na década de setenta. *Informações Econômicas*, São Paulo, 16(11):29-37, nov. 1986.
7. KUZNETS, Simon. Economic growth and the contribution of agriculture: notes on measurement. In: EICHER, Carl K. & WITT, Lawrence W., eds. *Agriculture in economic development*. s.l.p., McGraw-Hill, 1964.
8. PREÇOS NOS MERCADOS ATACADISTAS. Brasília, Ministério da Agricultura, SNAB-CIMAG, vários anos.
9. RICARDO, David. *Princípios de economia política e tributação*. São Paulo, Abril Cultural, 1982. 286p. (Os Economistas)
10. TOMPKIN, J.R. *Estatística e métodos de pesquisa em ciências sociais: parte I*. Piracicaba, USAID/ESALQ/USP, 1967. (mimeo)

CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS: PRINCIPAIS LAVOURAS

Anexo 1

Relação de Itens Considerados, Por Matéria-Prima, nas Exportações Brasileiras, conforme CACEX (9)

Soja: soja em grão, óleos bruto e refinado, farelo, farinha, outros resíduos da extração do óleo.

Cana-de-açúcar: açúcares cristal, demerara e refinado, melaço, álcool etílico não desnaturado com graduação de 80º e desnaturado de qualquer graduação, rum e aguardente de cana ou de melaço.

Milho: milho em grão com casca e descorticado, milho em conserva, farinha de milho, sêmola, amido, óleos bruto e refinado, flocos, farelo, outros.

Café: cafés em grão cru e torrado, café torrado e moído, café descafeinado, café solúvel.

Arroz: arroz em grão com e sem casca, arroz em grão branqueado, quirera, arroz estufado, grãos sob outras formas, farinha, amido, óleos bruto e refinado, arroz inflado, arroz pré-cozido, farelo.

Feijão: feijões preto, branco e qualquer outro, feijão cozido.

Mandioca: raízes, farinha, farinha de raspa, fécula, sagu, tapioca.

Laranja: frutos, conserva ao natural ou em calda, suco concentrado, farelo de polpa cítrica, cascas.

Algodão: algodão não cardado nem penteado (em rama), línter cru, línter outros, desperdícios, algodão cardado ou penteado, outros da pluma, óleo bruto ou refinado, farelo de caroço.

Cacau: cacau em amêndoas cru, desperdícios e resíduos, pasta, manteiga, óleo ou gordura, outros.

Trigo: trigo sem casca, farinha, farelo e gérmen.

Banana: banana fresca ou seca, farinha, conserva ao natural ou em calda.

Batata-do-reino: tubérculos, purê em flocos ou em escamas, fécula.

Tomate: tomate fresco e resfriado, tomate em salmoura, massa com 7% ou mais de extrato seco, suco com menos de 7% de extrato seco.

Fumo: fumo em folhas para capa de charuto, folhas destaladas e qualquer outra, outros.

Caju: castanhas com e sem casca, castanha torrada, farinha de castanha, suco, extrato de casca de castanha.

Uva: uvas fresca e seca (passas), mosto, suco, vinhos, conhaque, vermute, óleo de caroço.

Cebola (ou cebolinhas): dessecadas, frescas ou resfriadas, conservas em vinagre, sem vinagre e em salmoura.

Abacaxi: frutos, em conserva ao natural ou em calda, suco.

Coco: fruto com casca, fruto sem casca mesmo ralado, óleos de copra bruto e refinado, leite, farinha, copra.

Pimenta-do-reino: preta, branca, verde e qualquer outra, em pó.

Batata-doce: raízes.

Fava: farinha.

Noz européia ou americana: fruto com casca, qualquer outra forma.